



## EDITORIAL

Objetividade e Subjetividade, dois termos aparentemente contrários que se associam por meio de uma linha de tensão ao mesmo tempo fina e densa, expressa nas mais diferentes relações, de diversas formas. Seja na produção cultural, nos debates científicos ou nos processos clínico-terapêuticos, a relação sujeito-objeto se impõe.

As contradições produzidas entre essas duas dimensões materializam-se desde as ações mais banais até as mais fundantes da estrutura psíquica. Afinal, desde Freud essas dimensões se inscrevem na Psicanálise como elementos constitutivos do fenômeno psíquico. É preciso, entretanto, reinscrevê-las à medida que hoje, e a cada dia, multiplicam-se os sentidos atribuídos a um e ao outro termo, mas, sobretudo, à imbricação inerente a ambos.

Essa reinscrição só faz sentido se observamos como emergem e se sustentam as demandas feitas ao homem, hoje, para constituir seu lugar num universo infinito de possibilidades, mas ao mesmo tempo repleto de limitações. Isto me leva a pensar que o enfrentamento dessas possibilidades depende do investimento que é possível destinar às relações com o outro ou consigo mesmo, em suas diferentes formas de exterioridade.

Ora, muitos autores contemporâneos vêm revelando o quanto as relações intersubjetivas têm sido esvaziadas ou desenvolvido rupturas, quando deveria ha-

ver conectores entre o eu, o tu e o nós. Essas relações instituem-se, parece, a partir de um superinvestimento no objeto, em detrimento do sujeito.

Sobrepõe-se o objeto ao sujeito, a objetividade à subjetividade, eliminam-se contornos e, dessa forma, tem-se um vazio relacional que se materializa nas mais diversas formas de sintomas. Assim, não acredito que esse movimento conduza a um apagamento do sujeito, como querem alguns, mas a uma reclusão defensiva do sujeito que, deste modo, gera em torno de si um invólucro que o torna de difícil penetrabilidade.

Em lugar de olharmos nostalgicamente para o passado, “em busca do sujeito perdido”, penso que, como clínicos, cabe-nos a tarefa de, por um lado, ampliar e, por outro, afinar as nossas visões. Assim, poderemos capturar, em nossas atuações, os sentidos desse caráter, cada vez mais agudo, que torna as subjetividades encapsuladas.

A Fonoaudiologia, cuja vocação fundamental é clínica, tem procurado ampliar seu espectro de visão e suas ferramentas, de modo a poder inserir em seu campo de ação uma série de recursos até então ausentes ou mesmo excluídos. Nesse sentido, dois movimentos têm sido privilegiados. Em primeiro lugar, um delineamento daquilo que é preciso ainda ser implementado, como fundamento para um contexto teórico-metodológico da clínica. Para isso, tem havido aproximações e interlocuções com outras disciplinas, revelando assim um nítido processo de amadurecimento.

Um outro movimento importante tem sido feito em direção à apreensão das demandas que chegam à clínica e a uma flexibilização tanto no uso das técnicas já existentes, quanto na criação de novas modalidades de intervenção. É diante desses movimentos entrecruzados que, na clínica fonoaudiológica, faz sentido dimensionar a objetividade e a subjetividade.

Com esse intuito, reunimos e aqui apresentamos ao leitor de *Distúrbios da Comunicação* algumas idéias instigantes que vêm sustentando os debates sobre o que alguns fonoaudiólogos nomeiam de “clínica da objetividade” e “clínica da subjetividade”. Este número da revista foi organizado pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-São Paulo. Quase todos os textos

foram elaborados por professores dos cursos de graduação e de pós-graduação desta universidade. Essa produção marca, sem dúvida, uma tendência do pensamento fonoaudiológico brasileiro. Essa posição, no entanto, não se abastece apenas de perspectivas teóricas hegemônicas, mas também de convergências e divergências, como convém a um debate acadêmico que privilegia o pensamento autônomo e crítico.

Desejo a todos uma boa leitura.

*Maria Consuelo Passos*